

Por que ler os clássicos? LUIZ FELIPE PONDÉ e os instrumentos para lidar com a humanidade

Maura Oliveira Martins - Professora-pesquisadora e coordenadora do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas do Brasil.

Convidado para ministrar uma fala aos estudantes no projeto UniBrasil Futuro, o filósofo Luiz Felipe Pondé fez jus à sua persona midiática e posicionou-se como franco polemista, como um arauto que, em uma espécie de marcha quixotesca, dedica-se a combater o que denomina de “praga PC”. Ou seja: ajustou sua mira, como sempre, às contaminações das diversas instâncias midiáticas com o que chama da “praga do politicamente correto”, a tendência em manter os diversos receptores em sua zona de conforto ao se produzir conteúdos “pasteurizados” (para emprestar um jargão típico do mau jornalismo) – falas e textos que não ofendem ninguém, que estimulam a manutenção do status quo, não causam desagrado nem tensionam o pensamento crítico. Em nome de uma chamada política da tolerância, abre-se mão da própria humanidade – e de uma saudável postura de debate público, esperado à ciência – para assumirem-se prontamente opiniões pré-estabelecidas, além de engavetar certos temas como intocáveis.

Pondé, como era esperado, não fugiu à polêmica e tocou no que é tabu: posicionou-se contra as cotas para estudantes negros, contra a ideia do amor romântico, contra uma concepção idealizada da maternidade (a única razão plausível para se ter filhos é “por nada”, provocou), contra o discurso da saúde total. Desconstruiu a ideia do senso comum da felicidade e a tendência (pós) moderna a uma vida espiritualizada-massem-religião, desconectada daquilo que dela provém, como a culpa. Problematizou os ganhos e os ônus da emancipação feminina, que deslocou o homem a um lugar incerto, quase obsoleto (e indesejado mesmo às mulheres!) em prol de uma meta de igualdade entre os sexos. Entre os diversos filósofos que configuram sua fala, pontua, não por acaso, o dramaturgo Nelson Rodrigues como alguém que foi capaz de desvendar a alma humana em seus personagens, cercados de sentimentos mundanos e de amor “verdadeiro” – aquele que ocorre quando se perde o respeito, pois (parafrazeando trecho de seu libelo “Contra um mundo melhor”) não há nada de mais mentiroso do que a ideia de afetos corretos. Não à toa, as sagas perpetradas por Rodrigues serão esmiuçadas na próxima obra do filósofo.

Nesse encontro, porém, Pondé resolveu centralizar sua fala na literatura. Não sem razão, intitulou sua palestra “Para uma educação clássica no contemporâneo a partir da experiência em sala de aula”. Afinal, para que ler os clássicos? Por que, em sala de aula, o conhecimento humanista trazido pelos cânones literários deve conviver em pé de igualdade com o conhecimento técnico atrelado às especificidades das áreas? Pondé nos esclarece: nos clássicos, encontramos o que é perene, o que permanece, a essência humana recapitulada. Os grandes dilemas éticos do ser transparecem, por exemplo, nos enfrentamentos de Otelo ou de Macbeth, das obras homônimas de Shakespeare. Do mesmo modo, Sonia, par do atormentado Raskolnikóv em “Crime e Castigo”, de Dostoievski, é apontada pelo filósofo como personagem perfeita para entendermos a dinâmica dos afetos e do amor que nos despe da “ética da alteridade” típica da praga PC (o profundo respeito aos limites do outro, e por contiguidade, a nós mesmos). Em sua profunda humildade, ao despir-se do ego, Sonia revela-se

profundamente humana, tal como somos aos desvestirmos nossas defesas. Já diria Italo Calvino que a literatura é a Terra Prometida em que a linguagem se torna aquilo que na verdade deveria ser; com sua fala, Pondé talvez pudesse concluir que a literatura é o espelho que reflete o que sempre fomos e continuaremos a ser.

Ressalta-se, portanto, que a figura de Pondé cumpre uma das concepções assumidas na instituição para o papel esperado ao docente: todos os grandes professores se posicionam, afinal, como grandes provocadores, cuja missão compreende a desconstrução das certezas pré-estabelecidas e típicas do senso comum – que facilitam e viabilizam nossa vida cotidiana, mas que são insuficientes no ambiente acadêmico. Cabe aos mestres a tarefa de causar desconforto, “sacudir” seus estudantes da cômoda posição das crenças em busca de novos modelos, novas formas (mais amplas, menos satisfatórias) de se observar o mundo em sua complexidade. Cabe ao professor apresentar ao seu aluno realidades outras para além dos relatos monossêmicos e redutores difundidos pelos meios de comunicação e perpetuados no nosso convívio. Talvez esse papel se resuma com precisão na significativa frase de Luiz Felipe Pondé: educação é dar aos mais jovens as ferramentas para lidar com sua própria humanidade. Como não podemos jamais nos libertar dela, os clássicos seguem como excelentes instrumentos didáticos para tensionarmos positivamente nossos alunos para lidar consigo mesmos. Luiz Felipe Pondé é doutor em Filosofia Moderna pela USP/Universidade de Paris e pós-doutor pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUCSP e da Fundação Álvares Penteado. Colunista da Folha de São Paulo, é autor dos livros: “Do Pensamento no Deserto”; “Conhecimento na Desgraça”; “O Homem Insuficiente”; “Crítica e Profecia”; “Contra um Mundo Melhor” e “Guia Politicamente Incorreto da Filosofia”.

Mas, principalmente, é uma pessoa com capacidade de ter ideias originais e coragem para dizê-las. Um escritor que, à primeira vista, surpreende, pois não é muito comum o colunista de opinião que trata seu leitor como adulto, com intelecto, sensibilidade e senso de humor de adulto. Em sua atividade diária, deixa clara a importância da cultura na formação acadêmica, e ala de um tema fundamental: educação. Coerentemente, não foge da polêmica, falando contra as modas na educação, contra aqueles modismos simplificadores que servem apenas à preguiça e ao atraso.